

Cultura altamente afectada pela pandemia

“Estamos parados há mais de um ano, com grandes dificuldades e não se vive só com comida”

POR RITA FRIAS

O impacto da Covid-19 no sector cultural está à vista desde o confinamento da Primavera de 2020.

Em Abril do ano passado, o grupo Técnicos Portugueses juntou-se para angariar alimentos em virtude de colegas seus estarem a passar por dificuldades após os cancelamentos de todos os seus trabalhos.

No arquipélago dos Açores, essa mesma ajuda já tinha sido iniciada por Ricardo Cabral.

No entanto, após ser contactado pelo grupo referido acima, criaram a União Audiovisual, uma “associação de cariz social e cultural, de apoio aos profissionais técnicos e artistas da cultura, espetáculos e eventos”.

Relata-nos o que tem sido feito pela Associação, a preocupação pelo futuro da cultura e adianta que já existem profissionais da área a trabalhar noutros sectores.

É graças ao espírito de entreaajuda que o grupo continua após um ano de existência. Por todo o país, foram criados grupos de voluntários que recolhiam alimentos, distribuindo-os depois. E na nossa região, não foi excepção. De acordo com o responsável, Ricardo Cabral, a associação conta com 80 colaboradores, todos técnicos da área audiovisual.

Atualmente, encontram-se a apoiar 30 famílias de artistas na região. Para além de bens alimentares, ajudam estas mesmas a nível

psicológico. A falta de trabalho e as dificuldades pelas quais atravessam, fazem com que muitos profissionais da área se encontrem psicologicamente afectados. A União Audiovisual ajuda-os, arranjadas locais para se manterem ocupados, “como foi o exemplo do Projecto Seat, onde todas as Quartas-feiras vão lá [na sede da empresa Ricardo Cabral Eventos] gravar 3 temas”.

Apesar de tudo, conseguem dar resposta aos pedidos que lhes são feitos. “Hoje, a União Audiovisual está muito mais organizada. Fazemos pedidos, todos os meses, conforme as necessidades. A base destes alimentos vem do Continente e cá, continuamos a aceitar as ajudas que nos dão”, explica Ricardo Cabral.

Na óptica do promotor cultural, creem que não estão a ser prestadas medidas e atenções devidas ao sector da cultura. “Sempre fomos tratados de uma forma desigual. Não nos ligam muito nem nos levam a sério. Por isso, ficamos sempre para trás. Mesmo agora, parece que, por vezes estão interessados em ajudar-nos, passando a imagem pública que já estão a ajudar, mas isto não está a acontecer. Deveriam ter sido feitas mais medidas”, refere.

Para quando o regresso da cultura?

No passado mês de Abril, completaram 1 ano de existência. Ricardo Cabral admite que “se não fosse a União Audiovisual, não sei o que teria acontecido aos colegas” que ajudam “desde a primeira hora. É um trabalho solidário muito im-



Associação União Audiovisual conta com 80 colaboradores, estando a apoiar 30 famílias na Região

portante e prevê-se que esta ajuda continue, pelo menos, até ao final de 2021.”

Desde o passado fim de semana que o espectáculo culturais tiveram luz verde para a sua realização, apesar da hora limite. Esta medida foi antecipada com o término do estado de emergência no passado dia 1. Os profissionais da cultura têm esperança que o mesmo aconteça no arquipélago, “mas estamos a aguardar o levantamento de medidas e esperamos que as autarquias tenham a coragem de iniciar também alguma animação cultural pois são fundamentais para darmos início a uma nova etapa das nossas vidas”, acrescenta Ricardo Cabral.

Contudo, um ano é mais do que suficiente para que profissionais da área mudem de profissão visto que ainda “não há luz ao fundo do túnel”. Como relata o promotor cultural, “as pessoas precisam de dinheiro para pagarem as suas despesas. Sei que alguns já estão a arranjar trabalho noutras áreas, desde varredor de rua até trabalhadores em armazéns como repositores e outras áreas de construção civil. Põe-se um problema: quando precisarmos destes artistas, poderão já não exis-

tir. O mesmo problema põe-se para as empresas. Se fecharem por falência, será uma revolução séria na região.”

As redes sociais são “palco” de fatatório e muitas opiniões, denotando-se a crítica sobre a possibilidade de realizar espectáculos devido às medidas de segurança, por exemplo. Questionado sobre este facto e também se a população local tem noção de que existe quem viva da cultura nos Açores, Ricardo Cabral responde: “os espectáculos, sejam em recintos fechados ou abertos, são muito seguros. Temos de respeitar todas as regras impostas pela Direcção Geral da Saúde. Por isso, só por ignorância, é que se critica. Quanto a este assunto, não tenho por hábito criticar nem dar opinião pois o que é facto é que somos prejudicados quando, nas redes sociais, criticamos ao ser anunciado algum evento. Esquecem-se que há muitas pessoas que vivem destas profissões, que sem eventos não ganham nada e sem nada não se consegue sobreviver. Estamos parados há 1 ano e 3 meses, passando grandes dificuldades e não se vive só com comida.



Os bens alimentares são a principal ajuda. No entanto, também é dado apoio psicológico